

## Tradição oral e prática ceramista em uma comunidade rural negra no sertão do Rio Grande do Norte

Joelma Tito da Silva  
Mestre em História Social pela Universidade Federal do Ceará  
[joelmatito@yahoo.com.br](mailto:joelmatito@yahoo.com.br)

O itinerário de pesquisa que pretendo apresentar nesse artigo refere-se à associação entre arte, tradição oral e memória em uma comunidade rural, conhecida como Negros do Riacho e localizada no município de Currais Novos, sertão central do Rio Grande do Norte. A partir desse objeto de estudo, objetivo refletir sobre as possibilidades da produção de trabalhos de pesquisa na tensa fronteira que demarca os limites entre a escrita da história e a oralidade. Com base nessa problemática, começo e a narrar as histórias que envolvem as artes de fazer e a memória entre os negros do Riacho, uma comunidade cuja trajetória remonta o fim do século XIX e a figura ancestral de um negro, possivelmente forro, conhecido como Trajano Passarinho.

### Arte e memória:

Durante as ações “afirmativas” para o reconhecimento da comunidade Negros do Riacho como remanescente de quilombo, as forças políticas externas envolvidas nesse processo tentaram revalorizar práticas ancestrais, como a produção da cerâmica. Diante da redução do valor de uso e de troca do produto, buscava-se agregar valor cultural e, assim, reincorporá-la ao mercado. Ou seja, a venda estaria condicionada e impregnada por uma particularidade que a tornaria viável enquanto objeto de consumo: o elemento étnico negro. A louça comercializada não teria a função antiga (armazenar água ou cozinhar), mas passaria a servir como adorno que tem a singularidade (exótica) de ser produzida pelos negros do Riacho. Vale ressaltar que a tentativa de agregar valor cultural ao produto e de viabilizar a sua venda como *souvenir* teve vida curta.

No entanto, não é por acaso que a “loiça” aparece para “os de fora” como um componente identificador dos moradores do Riacho. A produção da cerâmica marca as relações comerciais travadas entre os negros que moram no Riacho e os habitantes da

região desde “o tempo pra trás”. Em meio aos estereótipos que pressupõem o ócio, o alcoolismo, a mendicância e a desorganização, a arte de fazer a louça aparece para os “de fora” como uma marca culturalmente positiva – ainda que questionem a qualidade da louça produzida no Riacho. Já que não foi possível arrancar-lhes histórias sobre escravidão que correspondessem às suas expectativas, a arte ceramista aparecia como um elemento de distinção, uma arte tradicional que deveria reconciliar-se com o presente a partir de novos métodos produtivos, através dos quais o produto de consumo cultural seria inserido definitivamente no mercado. Ou seja, a arte de fazer utensílios em barro, no Riacho, tem história, remete a uma cultura particular. Porém, a estética deveria ser repensada. As louceiras deveriam reaprender a fazer a louça em uma máquina e esquecer os ensinamentos dos mais velhos.

Para os moradores do Riacho que aprenderam a arte do barro, a louça é um suporte de memória, revela tempos antigos e atinge o imemorial. Alguns permanecem produzindo-as, mesmo diante da dificuldade em vendê-las. Nos domicílios alguns potes velhos dividem espaço com geladeiras e fogões. As poucas louças modeladas no Riacho ritualizam a memória dos antigos, dos seus mortos e dos ensinamentos que foram transmitidos na infância.

A arte ceramista deixou de compor a renda familiar, mas a prática e a ritualização de seus significados permanecem na nostalgia daqueles (ou, mais precisamente, daquelas) que não perderam seu “treino” e, mesmo esporadicamente, levantam-se cedo para fazer pequenas peças, que são aproveitadas nas atividades domésticas, ficam empilhadas ou são quebradas. A louça se tornou memória de um trabalho antigo. No presente, as maneiras de sobreviver não possuem mais o tom do barro, mas a cor do carvão. Embora os antigos moradores do Riacho apareçam, por vezes, associados à mendicância e a produção do carvão, essas práticas se generalizaram recentemente com o declínio da arte ceramista. As formas encontradas pelos moradores do Riacho para a manutenção material dos núcleos familiares se alteraram no curso dos anos. Essas mudanças estão ligadas a alteração da economia local e dos costumes de consumo, bem como dependem do uso dos recursos naturais aos quais os moradores têm acesso no Riacho.

As formas de sobrevivência da família são ensinadas na tradição oral, entre pais e filhos, na observação, enfim, no contato entre novos e velhos e perduram até

quando for possível compor a renda familiar a partir de sua venda. Outras maneiras são forjadas para adaptar-se às novas demandas do grupo quando as antigas não garantem a manutenção das famílias.

A persistência de alguns em produzir panelas miúdas e ínfimas expressa o paradoxo entre a adaptação a novos hábitos de consumo e a necessidade de ritualizar um saber antigo, que torna presente a ausência do velho. Os antigos estão presentes na memória sobre as festas de São Sebastião e São João, a cura e a reza, o tempo do remédio do mato, as atividades da parteira e o feitiço silenciado, (mal)dito, sussurrado com terror e cuidado, exposto quase sem nome para os “de fora” quando o atrito entre núcleos familiares é latente. Ousar dizer que alguém “mexe com essas coisas”, “faz o mal”, ou usa o catimbó pode “dar até sangue”. A maioria dessas práticas antigas não é visível para o olhar dos estranhos. Para eles, a arte de fazer potes e panelas está impregnada na identidade dos “negros do Riacho” e os revelam por inteiro. Não foi aleatória a escolha da panela como símbolo maior da comunidade, monumentalizada na margem esquerda da BR 226, que dá acesso ao Riacho.

### **A cerâmica modelada: artes de (sobre)viver e de fazer**

Na saída de Currais Novos em direção à cidade de Natal, foi construída uma grande panela que, em letras garrafais, convida o viajante a entrar vereda adentro e visitar a comunidade dos Negros do Riacho, distante 6 km dali. A imagem faz uma alusão direta e explícita à arte de fazer panelas e potes como marca que distingue os moradores do Riacho. A panela gigante lembra que os negros são “loiceiros” para transformá-los em objetos de visitação.

O monumento foi construído pela Prefeitura Municipal e pela Governadoria do Estado com o intuito de edificar um emblema cultural que transformasse a comunidade em atrativo para o turismo étnico. A panela imensa, encravada no meio do mato acinzentado (ocasionalmente verde), nas margens do asfalto, via de acesso ao Riacho por uma estrada de pedra e barro, monumentaliza um saber antigo e se torna um lugar de memória, no sentido que lhe atribui Pierre Norra, qual seja uma experiência

insólita, comum às sociedades contemporâneas<sup>1</sup>. Ainda que poucos permaneçam modelando a louça e o turismo étnico praticamente não exista, a lembrança de uma arte antiga está ali, fixada no chão em concreto, qual um túmulo no cemitério ou semelhante às várias cruzes e capelas fincadas nas margens das rodovias lembrando a morte trágica de alguém, existência anônima para a maioria dos viajantes.

A construção da panela como um símbolo se assemelha a esses vestígios de morte encontrados no caminho. Embalsamado, o saber que não vive mais tornou-se monumento, combina as referências sobre a tradição e reencarna novas formas de ser para atrair visitantes. A presença esporádica de turistas estrangeiros ocorre em função do interesse pelo exótico. Os moradores da comunidade passam a conviver com o assédio dos estranhos e suas línguas confusas, incompreensíveis.

A atração dos estranhos pelo elemento negro inverte antigas formas de relações interétnicas que agregavam adjetivações pejorativas à cor escura da pele e ao cabelo encarrapichado. As lentes dos estranhos desejam captar corpos menos “raciados”, que tenham o traço negro marcado nas feições. Interessa-lhes encontrar a diferença nas pessoas e nas suas formas de viver. Levam na bagagem algumas peças em cerâmica, fotos e vídeos como recordação da passagem efêmera pelo Riacho. E a “beleza do morto” é, mais uma vez, ritualizada<sup>2</sup>.

O tamanho da panela erguida para atrair a visita de turistas esconde na sua sombra, as pequenas panelas produzidas atualmente para servir de *souvenir* e por encomenda. Raramente, alguns exemplares são dispostos na feira semanal de Currais Novos. Diante da inexistência de um mercado para a cerâmica enquanto objeto utilitário, a confecção das pequenas peças em barro por algumas mulheres ritualizam a memória desse saber aprendido dos velhos como uma arte da sobrevivência.

O pote - produzido em grande quantidade pelos antigos devido ao valor superior que apresentava em relação à venda das panelas pequenas – deixou de ser confeccionado. O contexto de saturação da comercialização da louça como objeto de utilidade doméstica e a possibilidade de transformá-la em elemento decorativo viabiliza apenas a produção das panelas miúdas, algumas médias, pratinhos, bois e vaqueiros.

---

<sup>1</sup> NORA, Pierre. **Entre Memória e História a Problemática dos Lugares**. Rev. Projeto História. São Paulo: PUC, dez. de 1993, p.07-28.

<sup>2</sup> CERTEAU, Michel de. A beleza do morto. In: \_\_\_\_\_. **A cultura no plural**. São Paulo: Papyrus, 2001. p.55-85.

Objetos de valor reduzido, cujo processo de produção é longo e cansativo. Com essa alegação, muitos se negam a continuar confeccionando a cerâmica.

O fracasso da tentativa de agregar ao preço dos objetos em barro o valor étnico parece evidente. Não há um mercado em Currais Novos capaz de absorver esse tipo de produto, a visitação de turistas rareia e as poucas peças produzidas permanecem trancadas “na casa da loiça”:

Ainda que a comercialização das peças seja pequena, nesses momentos uma imagem dos moradores da comunidade é ritualizada e reforçada. A louça empilhada como uma arte anacrônica e de qualidade inferior parece dizer aos da rua que, no Riacho, o tempo parou. Para os seus moradores, expressa a impossibilidade de sobrevivência a partir do ofício do barro, saber ensinado por seus pais e avós que, em tempos passados, representava a principal fonte de renda para os núcleos familiares, complementada pelo trabalho esporádico nas propriedades vizinhas e nas pequenas plantações.

Nos tempos antigos, a produção da cerâmica e as relações comerciais tornaram freqüentes os contatos entre os moradores do Riacho, os cidadãos, os vizinhos e os residentes em outros sítios no município. Desde o período colonial a louça de barro compunha o interior dos domicílios na ribeira do rio Seridó e o costume em tomar “água do pote” viabilizou o comércio do produto por dois séculos. A compra da louça pelos vizinhos dos Trajano aparece nas lembranças da infância do Sr. Bezerra, morador do Sítio Pedra d’Água, vivida durante as primeiras décadas do século XX, e do seu casamento, em 1948: “mamãe comprava, papai.... Era criança nesse tempo, eu era rapaz, menino assim, era criança (...) e eu comprava lá pote, quando eu fui casar comprei lá cada um pote desse tamanho”<sup>3</sup>.

A comercialização da louça ocorria de forma ambulante e seguia-se em uma travessia pelos sítios da região: “Eles vendiam na Serra, vendiam no Trangola e agora aqui na feira”. Dona Cícera acrescenta, ainda: “eles vendiam aqui, levava pra Cerro Corá, levava pra Lagoa Nova, pra esses sítios aí (...) pro lado de Malhada Limpa, daquele lado aculá do Trapiá, aqui pra o lado de Totoró, tudo que era canto aí elas tava.”<sup>4</sup>. Nessas cartografias desenhadas pelo comércio da “loiça”, sem licença da

---

<sup>3</sup> Severino Bezerra de Medeiros (1915). Entrevista realizada em 18 de janeiro de 2008.

<sup>4</sup> Cícera Barbosa Gomes da Silva (1932). Entrevista realizada em 18 de janeiro de 2008.

Prefeitura ou qualquer regulamentação sobre os seus passos, os moradores do Riacho andavam e trabalhavam seguindo suas rotas junto a um animal de carga, conduzindo o “jogo de pote”, composto de quatro peças.

Esse foi o tempo em que a louça em barro tinha “saída” e era uma peça usada em larga escala na região. A recompensa pelo trabalho e pela venda era certa. Além do elevado consumo das peças, que justificavam uma grande produção, o ganho das famílias era garantido pela quantidade de matéria-prima não paga retirada do solo. A louça era, portanto, uma arte de fazer e transformar os materiais que estavam disponíveis e dispersos na natureza em instrumentos de sobrevivência. O barro espalhado no chão se transformava em matéria-prima escolhida, retorcida, amassada e modelada que serviu, durante décadas, à manutenção dos rendimentos familiares.

Segundo Barth, a natureza e as formas de utilização do meio geográfico constituem elementos de construção das relações interétnicas e de fixação dos grupos na medida em que “os setores de atividades em que diferentes populações com diferentes culturas se articulam podem ser pensados como nichos aos quais o grupo está adaptado”<sup>5</sup>, monopolizando ou negociando os usos do espaço com os outros. A relação geográfica e ecológica com o meio se desenvolve a partir de jogos de interação e interdependência entre os vizinhos. Quando não havia barro suficiente no Riacho para a produção ceramista, seus moradores extraíam a matéria-prima do solo de outras propriedades, estabelecendo relações de troca com as famílias próximas. O mesmo ocorre com a produção carvoeira, haja vista que a retirada da lenha é feita em terras alheias.

A necessidade de transpor os limites do Riacho para retirar os materiais básicos necessários à produção da cerâmica, não ocorria apenas em função da busca pelo barro, mas também, pela lenha para a queima de potes e panelas. Esse processo foi contínuo até as últimas duas décadas do século XX, quando a produção começou a definhir paulatinamente. O resultado da nova conjuntura pode ser visibilizado na redução do número de fornos no Riacho nesse período. Em meados dos anos de 1980,

---

<sup>5</sup> BARTH, Fredrich. O Grupo Étnico e suas Fronteiras. In: LASK, Tomke. **O Guru, o Iniciador e Outras Variações Antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000. p.40.

havia sete fornos para a queima das peças, construídos junto aos núcleos familiares<sup>6</sup>. Hoje encontram-se dois: um, em bom estado, que funciona nos fundos da residência de Iralice Lopes da Silva, e outro, deteriorado, pertencente a Ana Maria Lopes. Além dos fornos tradicionais, foi construído pela Prefeitura do município um espaço para o armazenamento da louça que permanece constantemente fechado.

Quando a cerâmica era produzida em grande quantidade, a disposição dos fornos correspondia à organização dos núcleos familiares. Isto é, a confecção da louça congregava as gerações de uma mesma família, a parentela mais próxima (pais, mães, filhos, irmãos) e não reuniam, em um mesmo instante, todos os membros da comunidade. Os filhos auxiliavam suas mães nas atividades. A figura feminina está impregnada na imagem da louça de forma emblemática, no entanto, os homens também foram iniciados na arte de modelar o barro. A permanência da ideia de que essa atividade sempre foi feminina se deve ao deslocamento em massa da mão-de-obra masculina para outras atividades, como o carvão e o trabalho esporádico em propriedades vizinhas.

Todos aprendiam a fazer a louça observando seus pais e avós. Com a crise da venda, apenas as mulheres permaneceram no ofício do barro, ajudadas por seus filhos, que não aprendem a abrir potes e panelas. A prática ceramista transformou-se em arte do velho, um saber estancado na quinta geração, não transmitido, revelando a memória daquilo que deixou de ser. O barro frio não se confunde mais com as mãos dos “mais novos”, não escorre como antes pelos dedos do escultor, a massa marrom arrancada do solo não é matéria-prima de um desenho tantas vezes repetido. O barro que esquentava no fogo deixou de acender a chama da batalha diária porque perdeu o valor de uso.

A maioria dos habitantes no Riacho não pratica a arte ceramista e, mesmo aqueles que detêm o conhecimento e a habilidade para o ofício, abandonaram-no. Algumas mulheres continuam a misturar a mão no barro frio e na água para modelar jarrinhos e panelas, em um gesto quase anacrônico e sem lugar no presente. Isso ocorre porque a louça é um suporte de memória que ritualiza a tradição, faz lembrar o tempo dos antigos e da infância, quando os velhos ainda viviam com seus potes e “comiam” do

---

<sup>6</sup> ASSUNÇÃO, Luiz Carvalho de. **Negros do Riacho: Estratégias de Sobrevivência e Identidade Social**. Natal: UFRN/CCHLA, 19994. (Col. Humanas Letras).

barro, uma época em que mercado da louça não havia arrefecido. Assim, elas seguem em dias quentes a fazer precariamente as peças miúdas no forno de Iralice Lopes da Silva ou no chão em forno improvisado.

A queima é a última fase da produção que começa ao amanhecer, quando as mulheres seguem à procura do barro apropriado, “com liga”. A escolha do material inadequado pode significar a perda de todo o trabalho. Aprende-se, desde cedo, a reconhecer “o barro bom”.

A habilidade em fazer a louça implica em um saber sobre o solo, em reconhecer pelo olhar e pelo tato os lugares onde é possível encontrar ou não a matéria-prima adequada. Uma arte aprendida dos mais velhos que iniciavam seus filhos e netos no ofício, ensinando-lhes a viver do barro. A partir da observação, do ensino dos parentes mais velhos e da experimentação formavam-se novos “loiceiros” e “loiceiras”. A cerâmica é, portanto, um saber artesanal que passa de geração em geração, uma prática cultural, elemento de identidade e pertença.

Ainda que produzida em pequena quantidade, a arte de fazer a louça demanda tempo: geralmente são dois dias de trabalho entre a procura da matéria prima nos barreiros e a queima das peças no forno. Depois de colhido, o barro deve ser guardado úmido até o dia seguinte, quando será aguado e amassado. O processo de modelagem da peça é feito com as mãos como em uma escultura. Sobre um caco de cerâmica quebrado, o barro é esculpido a partir da base e aumenta gradualmente. Depois começam os sucessivos polimentos (com pedaço de pedra, sabugo de milho, a palheta e a faca) e secagens, até que a louça ganha forma e é queimada no forno. Cada louceiro imprime às peças sua marca e estilo, há diferenças entre as formas de fazer, cada um tem seu “treino”, marcado no movimento das mãos e do corpo:

Mas eu rodei pra compreender loiça no chão. Joaquim Baixa compreendeu loiça no chão porque Joaquim Baixa é quem amassava o barro, aí pegava no ôto dia tirava aquele barro e fazia o pote o chão, saia direitinho o fundo do pote apragatado, e ali ele embaicava aquele pote ali fazia todo o movimento naquele pote e nós não, nós tem que fazer no caco, e ali faz naquele caco, nós amassa e nós rapa e nós alisa e tudo [...] Aqui nenhum desse povo véio aprendeu o treino de Joaquim Baixa [...] Meu pai [Luiz Grande] aprendeu a fazer loiça no joelho (...) ele pegava aquele bolo de barro, apragatava no joelho e ali ia aumentando aquele bolo de barro, quando saia, o joelho era mago, aquele joelho fundo, ficava aqui direitinho o bolo do barro. Ali ele sacudia no chão, pegava aquele caco e ele pegava sentava assim, botava o pé assim como o modelo que tá rezando assim, ia aumentando e aumentando. Quando aquele pote tava desse tamãe ele ali pinicava o beijo do pote

todinho. Ali ele botava a boca, no outro dia fazia só raspar, alisar e butar pra aculá. Já nós num é assim, nós pega aquele pote como você vê, nós bota um pano e massa, e ali vai, pega aquele caco e aí vai botando o dedo dentro e vai levantando a louça. (...) Aqui num tem quem fizesse a loiça da finada Benedita. A finada Benedita só fazia loiça de cócoras, ia ali pegava o bolo de barro, botava assim e amassava assim como beiju (...). Cada um tinha seu treino aqui. Já meu treino é muito deferente dos outros, já cumade Lourdes, minha irmã nem era assim. Cumade Lourdes só fazia a loiça no cacão fundo de Jarro, já Luiza do mesmo jeito. Eu num digo a você que cada um tem seu treino<sup>7</sup>.

Dona Ana descreve gestos e formas de modelar a louça que observava desde a sua infância, tempos em que as noites eram longas. Ficava-se até a madrugada confeccionando a cerâmica e, enquanto fazia a louça, “bebia um golinho”: “quando era de noite [dizia]: vamo fazer a loiça, era vinte panela, quarenta, cinqüenta...”<sup>8</sup>

Depois de todas as fases desenvolvidas pelo trabalho manual, chega a hora de vender as peças produzidas, atividade percebida pelos louceiros como tão cansativa quanto a produção. A comercialização tem os seus caminhos longos, que levam os moradores do Riacho a percorrer mais de 10 km até cidade ou a perambular pelas propriedades vizinhas em busca de alimentos, geralmente na companhia de outras pessoas da família. O pote e as panelas quase sempre eram destinados às feiras de Lagoa Nova, Cerro Corá e Currais Novos. Produzia-se com maior frequência a louça grande, como o pote, cuja venda era mais rentável que a comercialização da panela. Com o declínio do mercado, sobressai-se a produção de pequenas peças, como panelas, pratinhos e jarros, geralmente feitos apenas por encomenda.

Atualmente, a produção da louça não gera rendimentos para as famílias; ela se transformou em memória ritualizada, vez em quando, pelas louceiras e monumentalizada pelos poderes públicos que ergueram, na entrada da comunidade, a imensa panela. Desvario dos anos transformando em recordação dos antigos o que antes era vida pulsante, sangue correndo nas veias e o ganho diário. O ofício de modelar a louça no joelho, no chão ou em um pedaço de cerâmica se converte em arte de esculpir o barro na memória.

No presente novas formas de sobrevivência são elaboradas. Além do carvão, os moradores do Riacho passaram a seguir, com frequência, as travessias do pedir.

---

<sup>7</sup> Ana Maria Lopes da Silva (1954). Entrevista realizada em 11 de outubro de 2008.

<sup>8</sup> Ana Maria Lopes da Silva (1954). Entrevista realizada em 11 de outubro de 2008.

